

POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE TEMPO, ESPAÇO E PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA ESCOLA DE JORNADA AMPLIADA

Thais Tolentino Santos SOUZA
Valdeniza Maria Lopes da BARRA

Palavras chave: tempo, espaço, ensino.

Esse trabalho tem como base o projeto de pesquisa “Tempo e espaço nas escolas de tempo integral de Goiânia: faces da equação de um projeto educacional contemporâneo”, que parte do pressuposto de que tempo e espaço têm estreita relação com o processo de ensino em uma instituição escolar, e mais ainda na escola de jornada ampliada. O referido projeto de pesquisa teve parte realizada em uma escola do município de Goiânia criada em 1976, mas que, a partir do ano de 2007, passou a atender os alunos em tempo integral. Essa mesma escola foi campo de estágio de uma turma do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, em que foi possível acompanhar o processo de ensino aprendizagem em uma escola de tempo integral.

A metodologia contou com revisão de literatura e observações do cotidiano escolar. A possibilidade de realizar o estágio na mesma escola tornou possível observações do interior e exterior da sala de aula. A revisão da literatura possibilitou compreender a realidade em que essa escola se inclui.

A discussão sobre a educação integral no Brasil tem início na década de 1930, principalmente com Anísio Teixeira que pensava uma forma de organizar o ensino que previa um aumento no número de disciplinas, bem como o oferecimento dessas disciplinas em espaços variados.

Nos anos 1950, Anísio Teixeira cria o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, também conhecido como Escola-Parque, na Bahia. Essa experiência é descrita pelo próprio Anísio Teixeira no livro “Educação não é privilégio” como uma instituição na qual os alunos permaneciam entre às 7h30min e 16h30 mil, com um período de instrução em classe e outro de trabalho, atividades de educação física e artes. Para Teixeira (1994, p, 164), a criança deveria praticar

[...] na comunidade escolar tudo que na comunidade adulta de amanhã terá de ser: o estudioso, o operário, o artista, o esportista, o cidadão enfim, útil, inteligente, responsável e feliz. Tal escola não é um suplemento à vida que já leva a criança, mas a experiência da vida que vai levar a criança em uma sociedade em acelerado processo de mudança.

Essa idéia é retomada nos anos 1980 com a criação dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), no Rio de Janeiro. De autoria de Darcy Ribeiro, era uma proposta que oferecia atividades voltadas ao currículo obrigatório complementadas por outras atividades, como: estudo dirigido, esportes, refeições, assistência médico-odontológica, etc. Tal como na experiência da Bahia, nos CIEPS o dia escolar se dividia em um período de instrução e outro de atividades complementares, divididos em um dia escolar com duração de oito horas. Nessa mesma década surge o Programa de Formação Integral da Criança (PROFIC), no estado de São Paulo, um programa que fornecia verbas para municípios que tinham projetos de atendimento a alunos em outro período (que não o das aulas). No início da década de 1990 foram construídos os Centros Integrados de Apoio à Criança (CIACs), no governo de Fernando Collor de Mello, como parte do Projeto Minha Gente, (cujo nome foi modificado em 1992 para PRONAICA – Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente).

Após a promulgação da LDBEN de 1996, o número de experiências de ampliação da jornada escolar aumenta consideravelmente. Santos (2009) faz um levantamento das experiências de escola em tempo integral em andamento nas redes estaduais e municipais de educação do Brasil, e constata que os seguintes estados contam com experiências de educação em tempo integral: Amazonas, Distrito Federal, Goiás, Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins, todos implementados entre 2007 e 2008.

Sendo tempo e espaço indissociáveis do ensino, é também importante verificar como se dão essas relações. As categorias tempo e espaço escolares não são neutras, como afirma Escolano (1998, p. 26), “[...] o espaço escolar tem de ser analisado como um constructo cultural que expressa e reflete, para além de sua materialidade, determinados discursos.” Assim, o Projeto de Pesquisa: *Tempo e espaço nas escolas de tempo integral de Goiânia: faces da equação de um projeto educacional contemporâneo* parte do princípio de que a articulação dessas duas categorias revelam um projeto de educação em andamento no município de Goiânia.

A Proposta político-pedagógica das escolas municipais em tempo integral, em sua versão preliminar, reconhece a importância do espaço escolar na organização da escola, principalmente quando se trata da escola de tempo integral. Esse documento afirma ser “[...] inviável pensar a proposta de uma Escola em Tempo Integral sem pensar no espaço físico da mesma.” (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE GOIÂNIA, 2009, p. 10). E mais, que o prédio da escola deve ser um atrativo.

A parte empírica da pesquisa foi realizada em uma escola de tempo integral do município de Goiânia criada no ano de 1976 e que ampliou o horário de atendimento aos alunos no ano de 2007, porém, não recebeu adequações em sua infra-estrutura. Essa

escola foi também campo de estágio de uma turma do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Goiás.

O Projeto Político Pedagógico do ano de 2010 informa que a escola conta com sala de direção, secretaria, seis salas de aula, cozinha, depósito de alimentos, depósito de materiais escolares, sanitário para alunos, sanitário para alunas, sanitário para servidores, área coberta, pátio para recreação, sala informática, sala de leitura, casa para zelador (onde funcionam a sala dos professores, sala de coordenação pedagógica e sala de mecanografia).

As observações realizadas tanto no desenvolvimento da pesquisa quanto na disciplina Estágio permitiram perceber como se dá o uso desses espaços na organização das atividades cotidianas da escola. O local referido como pátio coberto mostra-se um espaço improvisado, entre os dois pavilhões da escola e coberto por uma tenda com armação de ferro e de plástico, como mostra a imagem a seguir:



Nesse local os alunos realizam tanto atividades livres (recreio, descanso) quanto atividades direcionadas (aulas de educação física e oficina de prática esportiva), já que o espaço é utilizado também como quadra.

As disciplinas Estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I e II foram guiadas pela didática histórico-crítica ou crítica social dos conteúdos, que considera que os conteúdos escolares só fazem sentido em sua finalidade social, pois,

[...] os conteúdos são sempre uma produção histórica de como os homens conduzem sua vida nas relações sociais de trabalho em cada modo de produção. Conseqüentemente, os conteúdos reúnem dimensões conceituais, científicas, históricas, econômicas, ideológicas, políticas, culturais, educacionais que devem ser explicitadas e apreendidas no processo de ensino-aprendizagem. (GASPARIN, 2007, p. 2)

Foram utilizados autores como Gasparin (2007), Moysés (1994) e Fontana (1993) para, primeiro, compreender os processos de ensino aprendizagem, de elaboração de conceitos e da construção de uma aula.

Na observação realizada na turma C da escola campo, as estagiárias relataram a seguinte sequência didática em que os alunos tinham, em seus cadernos, mapas do estado de Goiás:

[...] Agora observem o mapa e me falem o estado que faz divisa com Goiás.
[...] Gio.: Minas Gerais!
Professora: Isso, tem vários estados, olha Minas Gerais é a que faz a maior divisa. [...] O que mais, qual outro estado faz divisa com Goiás?
Rog.: Bahia.
Professora: É, é bem pequenininho mas faz também. Agora, observem o mapa, vocês viram ai no cantinho tem uma estrela, quem sabe o que é isso?
Muitos gritam: Rosa dos ventos.
Professora: E pra que serve a rosa dos ventos?
Um aluno: Para a gente não se perder.
Eri.: Para viajar.
Professora: Pra nos orientar. E o que significa o N?
Thai: Norte.
Professora: E o S ali embaixo?
Thai: Sul.
Professora: A rosa dos ventos nos mostra onde estão os estados.
Cau.: E esse negócio aqui do outro lado?
Professora: Esse negócio que o Cau. falou é uma escala. A escala é pra vocês perceberem a dimensão do que vocês estão vendo. Lá no livro de Ciências do lado das figuras tem uma escala. Lá tem uma foto bem grandona de uma Borboleta, ela é daquele tamanho?
Todos: Não!
Professora: Então, a escala serve pra mostrar o tamanho real da borboleta. Olha pessoal, temos que entrar em uma empreitada, cantar o hino porque entramos no mês da independência. Então, temos que fazer essa atividade rapidinho para dar tempo. (Yoshimy, P. Relatório de observação. 01/09/2010).

Para Gasparin (2007) o processo de ensino aprendizagem parte da chamada “Prática Social Inicial do Conteúdo”, é o contato inicial do aluno com o conteúdo, momento em que o professor busca saber quais são os conhecimentos que o aluno já possui sobre o tema. A professora da sequência didática destacada parece realizar uma leitura da prática social dos alunos em diversos momentos: “Quais os estados que fazem divisa com Goiás?” “vocês viram ai no cantinho tem uma estrela, quem sabe o que é isso?”

A partir do levantamento do conhecimento prévio dos alunos, “[...]a função do professor consiste em aprofundar e enriquecer essas concepções, ou retificá-las [...]” (GASPARIN, 2007, p. 20). Ou seja, o professor deve partir desses conhecimentos que os alunos já trazem para a aula e aprofundá-los, enriquecê-los ou corrigi-los. Podemos perceber essa tentativa da professora em diversos momentos, como quando se utiliza da borboleta para explicar a escala.

Ao final da explicação, a professora pede aos alunos que terminem rápido a atividade proposta. Isso parece refletir uma característica da escola de tempo integral do município de Goiânia, as disciplinas, quando intercaladas com as oficinas, tem a duração determinada, não é mais a professora referência que determina a duração da aula de determinada oficina. Essa situação é retratada claramente pela fala de uma professora, em entrevista:

eu acho que me falta tempo, por que quando os alunos estão engajados já tem que trocar de sala aí depois volta, tem vezes que a mesma turma volta para mim, mas tem dia que não. Tem dois horários seguidos também. Então, quando eu vejo que a matéria é bem importante e que eu preciso dar uma continuidade e ponho a matéria naquele dia. Por que para parar e voltar de novo, às vezes a gente perde tempo. (T. professora, 10/05/2010).

As informações explicitadas acima nos permitem compreender que tempo e espaço tem uma dimensão educativa e, portanto, podem ser reveladores de um projeto de educação em execução na rede municipal de Goiânia. Também pode-se compreender que os problemas enfrentados pela escola de tempo integral são, em sua maioria, os mesmos das escolas de tempo parcial, porém, parecem ser agravados pelo maior tempo de permanência do aluno na instituição.

Referências bibliográficas

- Escola Municipal Paulo Teixeira de Mendonça. **Projeto político-pedagógico**. Goiânia, 2010.
- ESCOLANO, A. Arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo. In: FRAGO, A. V. ESCOLANO A. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP & A, 1998, p. 21 – 57.
- FONTANA, R. A. C. A elaboração conceitual: a dinâmica das interlocuções na sala de aula. In: SMOLKA, A. L. B., GÓES, M. C. R. (orgs.). **A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento**. 2.ed. Campinas, SP: Papirus, 1993. (Coleção Magistério, Formação e trabalho pedagógico).
- GASPARIN, J. L. **Uma didática para a Pedagogia Histórico – Crítica**. 4. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. (Coleção educação contemporânea).
- MOYSÉS, L. **O desafio de saber ensinar**. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- SANTOS, S. V. **A ampliação do tempo escolar em propostas de educação pública integral**. 2009. 138 f.. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO, 2009.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE GOIÂNIA. Departamento pedagógico. **Proposta Político-pedagógica das Escolas Municipais em Tempo Integral**. Versão preliminar. Goiânia, 2008.
- TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. 5. ed. Rio de Janeiro, 1994.
- YOSHIMY, P. **Relatório de observação**. 01/09/2010.